

**A CRÍTICA CRÍTICA DOS GIROS EPISTEMOLÓGICOS E/OU LINGÜÍSTICOS NO  
DEBATE POLÍTICO-EPISTEMOLÓGICO DA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**UNA REVISIÓN CRÍTICA DE LOS GIROS EPISTEMOLÓGICOS Y/O LINGÜÍSTICAS EN  
EL DEBATE POLÍTICO Y EPISTEMOLÓGICO EN EL ÁMBITO DE LA EDUCACIÓN  
FÍSICA**

**THE CRITICAL REVIEW OF THE EPISTEMOLOGICAL AND/OR LINGUISTIC TURNS  
IN THE POLITICAL AND EPISTEMOLOGICAL DEBATE IN THE AREA OF PHYSICAL  
EDUCATION**

Michele Sacardo<sup>1</sup>  
Régis Henrique dos Reis Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir sucintamente a crítica crítica dos giros epistemológicos e/ou linguísticos no debate político-epistemológico da área da Educação Física brasileira. Para tanto, retomamos brevemente o processo de gênese e desenvolvimento do debate político-epistemológico da Educação Física brasileira. Posteriormente, discutimos os limites e inconsistências do discurso “pluralista” de um grupo de epistemólogos na referida área, e a defesa das concepções de verdade e realidade como categorias histórico-ontológicas. Concluímos que a perspectiva dos defensores dos giros epistemológicos e/ou linguísticos não consegue avançar para além das práticas descritivas da verdade, entendida a partir de consensos intersubjetivos e da implementação de uma postura conservadora.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Ontologia; Giros epistemológico / linguísticos; Marxismo; Educação Física.

**Resumen:** Este artículo discutirá brevemente la crítica epistemológica crítica de giros y / o el lenguaje en el debate político y epistemológico de la zona brasileña Educación Física. Para ello, se reanudó brevemente el proceso de génesis y desarrollo del debate político y epistemológico de la Educación Física Brasileña. Más tarde, se discuten las limitaciones e inconsistencias del discurso a un grupo epistemólogos "plural" en esa zona, y la defensa de las concepciones de la verdad y la realidad como categorías históricas y ontológicas. Llegamos a la conclusión de que la perspectiva de los partidarios de la epistemológica y / o giros lingüísticos no puede ir más allá de las prácticas descriptivas de la verdad, entendida desde el consenso intersubjetivo y la implementación de un enfoque conservador.

**Palabras clave:** Epistemología; ontología; giros epistemológicos / lingüísticas; El marxismo; Educación Física.

**Abstract:** This article will briefly discuss the critical epistemological critique of spins and / or language in the political and epistemological debate of the Brazilian Physical Education area. Therefore, briefly resumed the process of genesis and development of the political and epistemological debate of the Brazilian Physical Education. Later, we discuss the limitations and inconsistencies of speech "pluralistic" a epistemologists group in that area, and the defense of the conceptions of truth and reality as historical and ontological categories. We conclude that the perspective of supporters of the epistemological and / or linguistic gyrations can not move beyond the descriptive practices of truth, understood from intersubjective consensus and the implementation of a conservative approach.

**Keywords:** Epistemology; Ontology; epistemological / linguistic gyrations; Marxism; Physical Education

## Introdução

Segundo Lukács (1978), o ser humano é um ser que dá respostas, sendo assim, estas são necessariamente atos históricos, materiais, síntese de múltiplas determinações.

Nesse sentido, as formulações teóricas também são vinculadas a determinadas necessidades e possibilidades do momento histórico em que se desenvolvem e, necessariamente, posicionam-se de uma forma ou outra em relação aos determinantes da luta de classes. Reiteramos, posicionam-se politicamente, logo podem posicionar de forma subordinada, articulada conscientemente ou articulada ingenuamente “neutra”.

Esses posicionamentos são fundamentais para o processo de manutenção e reprodução da atividade produtiva, pois como afirma Bischoff Belli (2013, p. 8), “[...] as formações sociais se desenvolvem a tal ponto que o modo de manifestar da necessidade cada vez mais se caracteriza por orientar, de qualquer modo, os indivíduos a tomarem ou não determinadas posições teleológicas”.

E, conforme Lukács (1978, p. 9), no desenvolvimento social, as posições teleológicas secundárias tornam-se cada vez mais decisivas,

[...] com a diferenciação social de nível superior, com o nascimento das classes sociais com interesses antagônicos, esse tipo de posição teleológica se torna a base espiritual-estruturante do que o marxismo chama ideologia. Ou seja: nos conflitos suscitados pelas contradições das modalidades de produção mais desenvolvidas, a ideologia produz as formas através das quais os homens tornam-se conscientes desses conflitos e neles se inserem mediante a luta.

Com esta compreensão, sustentamos que o fenômeno ideológico da crítica do giro epistemológico e/ou linguístico ao giro ontológico<sup>31</sup>, na área de Educação Física brasileira, ao fundamentar-se na centralidade da linguagem, procurando afastar-se da avaliação das questões ontológicas, em defesa da unilateralização das questões culturais, desenvolve um papel político-epistemológico na luta de classes no momento histórico de crise estrutural do capital.

Não obstante, é pertinente recuperar o processo de gênese e o desenvolvimento do debate político-epistemológico na área da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990, os quais alavancaram discussões que partiram desde preocupações mais simples, relativas às questões técnicas, instrumentais e metodológicas, saltando para questões mais amplas, as teóricas e epistemológicas. Nestas, o foco abrangeu desde sua crise de identidade (cientificidade da Educação Física; se é ou não é ciência), passando pelo colonialismo epistemológico<sup>2</sup>, até o atual debate que, para alguns, trata-se da polêmica sobre modernidade e pós-modernidade e seus desdobramentos tanto na área da Educação como na Educação Física e, para outros, apresenta-se como um caráter “mosaico”, regado de um “pluralismo teórico e político” (ALMEIDA e VAZ, 2010), amparados pelos “giros epistemológicos ou giros linguísticos”, contrapondo-se ao “giro ontológico” ou “resgate da ontologia realista” (PEIXOTO e MORSCHBACHER, 2015).

De fato, as polêmicas e “pluralismos” podem ser mais bem visualizados nas discussões conduzidas pelo Grupo de Trabalho Temático (GTT) Epistemologia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, a partir dos últimos Colóquios de Epistemologia e Educação Física promovidos nesses últimos anos por este GTT, a saber: a) Giros epistemológicos na educação física/ciências do esporte (2006); b)

Epistemologia e teorias do conhecimento na pesquisa em educação e educação física: as reações aos pós-modernismos (2008); c) V Colóquio: A problemática da relação teoria e prática: diversas abordagens (2010); d) VI Colóquio: Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos (2012).

Ao mencionar tais Colóquios, estamos querendo destacar uma das primeiras inconsistências daqueles que acreditam no atual quadro de “pluralismo teórico e político” na área, pois, se nos Colóquios promovidos até 2010 o debate sobre a referida polêmica entre modernidade e pós-modernidade ofereceu espaço para as diferentes perspectivas epistemológicas, já a partir do VI Colóquio (2012), o debate dito como “plural” concentrou-se naqueles que se alinham à determinada perspectiva, qual seja, a do “giros linguísticos ou giros epistemológicos”.

A impressão que ficou foi a necessidade de se evitar o debate e de se auto afirmar o discurso, até porque os defensores dessa perspectiva têm criticado, veemente, concepções de verdade, razão e crítica; portanto, contraditoriamente, parece que são suas próprias ideias que estão além de toda a crítica ou de contra argumentação.

Assim, o objetivo deste artigo é discutir sucintamente a crítica crítica dos giros epistemológicos e/ou linguísticos no debate político-epistemológico da área da Educação Física brasileira e, nesse sentido, destacar a posição assumida e explicitada na área, por esses debatedores, a partir dos fundamentos filosóficos dos giros epistemológicos e/ou linguístico e do marxismo.

Para uma melhor visualização do que estamos tratando, destacaremos alguns excertos dos estudos de autores da Educação Física que se alinham com o giro linguístico e/ou epistemológico, os quais têm se respaldado por um viés fundamentado no neopragmatismo rortiano e, ao mesmo tempo, contra argumentaremos em relação a estes fundamentos, principalmente sobre a concepção de realidade e verdade, a linguagem como realidade, a totalidade e sobre os limites – principalmente ideológicos – que norteiam alguns dos fundamentos desta concepção epistemológica.

### *“Do pluralismo teórico e político” às manifestações ideológicas da linguagem como interpretações de verdades...*

O “pluralismo teórico e político” proclamado na “atividade epistemológica” da área da educação física, segundo Almeida, Vaz e Bracht (2013, p.11), reflete os contornos atuais da pedagogia crítica em educação física, uma vez que o “campo crítico” para estes autores, “tem sido marcado por uma pluralidade de perspectivas teóricas e políticas, não restrita apenas ao marxismo demarcado pela pedagogia histórico-crítica (que continua atuante na área)”. Para eles,

Essa diferenciação aconteceu porque a própria referência marxista se tornou, na educação física, mais matizada”; outras orientações teóricas passaram a circular no campo. Essas novas tradições, embora “críticas”, operam com ferramentas conceituais “estranhas” ao marxismo (da pedagogia histórico-crítica) que fundamentou tantos textos publicados entre 1980 e 1995 (ALMEIDA, VAZ e BRACHT, 2013, p. 12).

A partir dessas revelações, estes autores buscam reconstruir a tarefa da crítica no âmbito da área. De fato, esses autores, amparados pelo filósofo norte-americano Rorty (1999; 2007), desprezam as

metanarrativas e o que chamam de grande metavocabulário, referindo-se, especialmente, ao materialismo histórico-dialético.

Assim, em relação à expressão “pluralismo teórico e político”, ela nos remete a pensar em algo que não assume uma unidade, pois é aberto, plural, inacabado e transformista. Ou seja, “contrapõe-se a quaisquer perspectivas identificadas com as matrizes filosóficas antecedentes que pressupõe o real, a razão, o conhecimento, o social etc” (LOMBARDI, 2012, p. 29).

Este autor ainda destaca:

[...] Com isso se tem um indivíduo sincrético, de natureza confusa, indefinida, plural, feita com retalhos que não se fundem num todo (idem, p.30). [...] não se trata de uma concepção, mas de um movimento eclético que faz uma liquidificação, uma mistura geral, de várias tendências e estilos; é avesso a unidade, tendo por perspectiva um pensamento aberto, plural e em permanente metamorfose. É o culto pragmático do indivíduo e do presente, sem referência ao passado e sem projetos para o futuro (idem, p. 31).

Outro traço fundamental desta perspectiva é a inutilidade e descrédito às metanarrativas, ou seja, as grandes teorias explicativas perdem força e, nesse sentido, a ciência também não poderia ser considerada como a fonte da verdade (LOMBARDI, 2012). De fato, “a ciência atrelou-se ao capital, ao Estado e a verdade ficou reduzida ao desempenho, à eficácia” (SANFELICE, 2001, p. 03).

É evidente esclarecer que nossa posição contrária aos giros epistemológicos e/ou linguísticos parte da assertiva de que, para o conhecimento existir é necessário que existam os objetos a serem conhecidos, como também, entender que este objeto existe independente do conhecimento que temos dele.

Para elaborarem uma crítica aos critérios de verdade sobre o conhecimento, os autores Almeida e Vaz (2010) se embasam na concepção de verdade em Rorty, o qual critica a concepção “correspondentista” da verdade. Segundo aqueles autores,

O pensamento deve refletir ou representar, fielmente, a realidade como ela é, em sua objetividade. Vale ressaltar que o representacionismo é o núcleo hard do empreendimento epistemológico moderno, cuja tarefa é zelar para que nossas crenças representem a realidade com exatidão, em sua verdade objetiva (p.14-15).

O modelo “representacionista”, criticado por estes autores, apontam para a crítica ao paradigma científico moderno, ou seja, a descrença da possibilidade da verdade e do alcance da essência do real “de uma vez por todas” pela ciência. Nesta linha, segundo Peixoto e Morschbacher (2015, p.04),

A “imposição” de um conhecimento verdadeiro – cujo critério será a correspondência do conhecimento com a realidade – faria deste um paradigma necessariamente autoritário e totalitário, em que “uma” verdade é elevada à condição de “a” verdade (e “uma” ciência ou concepção de ciência será “a” ciência ou concepção de ciência). A “pluralidade” epistemológica e política que marca as ciências (em particular a Educação Física) seria eliminada em prol da afirmação de um modelo único – em crise, de acordo com os adeptos dos giros epistemológicos – que serviriam de parâmetro para determinar se um conhecimento é científico ou não científico.

Portanto, a alternativa à crise da ciência e da razão moderna seria os “giros epistemológicos e/ou linguísticos”.

Além disso, esses autores criticam a questão da precedência da ontologia à epistemologia, consequentemente a virada ontológica, a verdade (ALMEIDA e VAZ, 2010) e ainda destacam que não há uma supressão da ontologia no debate epistemológico atual, muito pelo contrário, evidenciam que o estudo da hermenêutica seria o estudo do Ser na perspectiva de Gadamer. Destacamos algumas dessas “descrições”:

Uma proposta desse tipo solaparia, segundo nossa descrição, os recentes avanços alcançados pelo campo em sua discussão de caráter epistemológico, na medida em que a noção de uma atividade conserva aquilo que a noção de ontologia, tal como defendida pelos autores que descrevemos, parece dispensar, ou seja, nosso sendo, o caráter sempre provisório e processual, nos dizeres de Fensterseifer (2006), que acompanha o que está vivo, que se repõe sempre que novas discursividades se colocam no âmbito de nossa área. Na medida em que alcançamos o verdadeiro modo como o mundo é em si, sua ontologia, qual o sentido deste sendo? (ALMEIDA e VAZ, 2010, p. 20)

[...] a virada ontológica pretendida substituiria a equação  $V=R=C$  (Verdade=Razão=Ciência) que, conforme Fensterseifer (2006) embalou a epistemologia moderna, por uma nova equação: Verdade=Real=Ontologia ( $V=R=O$ ), que não é menos representacionista do que a primeira. Ambas as equações revelam um modelo de investigação chamado desvelamento da realidade, próprio de toda *tradição representacionista*. As duas assumem a forma de uma descrição do objeto do conhecimento de modo a “transpor a brecha” entre o objeto e o sujeito conhecedor. Fica mais fácil “ler” essa pretensão, se levarmos em conta que a *inflexão ontológica* em curso, à semelhança de outras tradições representacionista, trata a *linguagem* como meio de expressão, de representação ou de espelho do real, vale dizer, de sua objetividade. Nisso, aliás, os argumentos ontológicos em nada diferem da epistemologia em sua tarefa de checar acuradamente o real (idem, p. 21, destaque nosso)

[...] a pretendida reação ontológica em educação física pode ser lida como expressão de uma inexorável busca por Critérios, Fundamentos para nossas práticas, um Vocabulário que nos livre de qualquer dúvida, incerteza e que, ao invés disso, aponte na direção certa (no sentido de Verdadeira) *em meio a tantas sendas a escolher*. Isso equivale dizer que os defensores do giro ontológico são muito *intolerantes à contingência e ambivalência da Linguagem*, procurando algum porto seguro, algum argumento final e definitivo que solape de uma vez por todas a dissonância cognitiva de um mundo que *recusa um vocabulário ontológico geral que se mostre indiferente a cada comunidade de justificação* (vale dizer, a cada linguagem em particular)

Em quarto lugar, a virada ontológica tem como consequência a (re) instauração de uma razão monológica (FENSTERSEIFER, 2001) no âmbito das atividades epistemológicas em educação física, na medida em que, ao refutar a linguagem e a intersubjetividade (razão comunicativa) dos processos de validação do conhecimento, reinstaura a relação entre um sujeito do conhecimento que reflete um objeto colocado na natureza, humana ou social. Concordamos com Fensterseifer (2009), quando este diz que *o conhecimento (e a atividade epistemológica) não revela ou descobre uma realidade já dada, mas constitui aquilo que tomamos como real. Logo, nossa tarefa não se encerra na concordância entre verdade e realidade, tal como pressuposta pela reação ontológica em curso, mas começa justamente pela interrogação das verdades que se apresentam como reais para nós*. Tarefa que só pode ser reconhecida como digna se aceitarmos que *não temos acesso à coisa em si*, e mais que isso, *não temos nenhum instrumento que o possa produzir*. Para citar Fensterseifer (2009) mais uma vez, um democrata não precisa lamentar essa situação, *dado ser essa a condição da própria experiência pluralista* da democracia (idem, p. 23, destaque nosso).

[...] Assim, o estudo da hermenêutica seria o estudo do Ser e, como diz Gadamer (2007), Ser que pode ser compreendido é linguagem. Esta conhecida sentença revela, por um lado, o nexo entre ontologia e linguagem e, por outro, que a compreensão é um modo de Ser, e não um modo de conhecimento (portanto, a ontologia precederia à epistemologia, como pretende a reação ontológica desejada por aquela crítica). A virada ontológica de Gadamer está enraizada em uma *ontologia existencial que anuncia o erro da crença em um mundo real que seja independente da linguagem* (ALMEIDA, BRACHT, VAZ, 2012, p. 256, destaque nosso).

Como concepção de ciência, defendem a realidade como dependente da linguagem; assim como a concepção do ser (ontologia), a “linguagem é condição de possibilidade do ser e de suas determinações” (PEIXOTO e MORSCHBACHER, 2015, p. 05). Por este viés, esta concepção de realidade nega a materialidade do real e, desse modo, as estruturas subjetivas (linguagem) tornam-se as condições que possibilitam determinar esta materialidade.

De acordo com Moraes (2004, p. 343), significa entender que “em lugar da linguagem como rede de significantes e significados, signos e significações, instituíram-se os jogos de linguagem sem sujeito [...]”, como também, “a mudança de eixo, o “salto” da realidade para o texto como agente constitutivo da consciência humana e da produção social do sentido”.

De fato, “reivindica-se a ficção, assume-se o estilo oracular, promove-se a descompartimentação dos gêneros discursivos (o que implica não diferenciar o uso filosófico e o literário da língua) e se anuncia a era da hermenêutica” (DELLA FONTE, 2010, p. 38).

Nessa perspectiva, a verdade passa a ser interpretação, ou seja, não há uma verdade objetiva; para tais autores o conceito de verdade não se sustenta. Nesta linha de pensamento, concordamos com Della Fonte (2010) que, sobre o assunto, destacou: “Quem interpreta não descobre a ‘verdade’; quem interpreta a produz (p. 42)”.

É pertinente lembrarmos que antes de transformar - para aqueles que buscam a transformação da realidade como algo necessário e não apenas descrevê-la ou “redescrevê-la”, sob diversas maneiras - é preciso conhecer. Sem uma teoria científica do conhecimento da verdade não é possível interpretar corretamente o mundo, o homem e a sociedade e muito menos transformá-lo. “Só poderemos imitar, produzir e mudar algo se soubermos como funciona, só poderemos transformar o mundo, a vida e a sociedade [...]” (BAZARIAN, 1994, p. 21) se conhecermos o funcionamento das estruturas sociais.

Conhecer uma teoria do conhecimento da verdade revela tanto lutas ideológicas em determinado contexto como os interesses muitas vezes implícitos na área científica, econômica, social e política. De fato, dizer que não há uma verdade – uma concepção científica do mundo - a ser compreendida e muito menos ensinada aos principiantes expressa determinantes ideológicos (mais amplos) que parecem mais interessados em manter a consciência social na apatia, no sentido de adaptá-la, empobrecer a atividade cognitiva e conformá-la aos interesses que correspondem a um grupo dominante; referimo-nos, aqui, à própria área da Educação Física, mais especificamente a subárea biodinâmica. Ignorar a verdade é nos colocar numa posição de ser dominado. Por isso que a Gnosiologia ou a Teoria do conhecimento da verdade é uma arena de lutas ideológicas, que reflete os interesses econômicos de diferentes forças sócio-econômico-políticas (idem).

Portanto, nossa concepção de verdade se fundamenta no ato de conhecer na medida em que entendemos que o conhecimento é a reprodução do objeto em nossa mente; quando a verdade perde seu sentido e seu caráter objetivo e passa a ser relativa, múltipla e, portanto subjetivista, isto é, cada sujeito tem sua verdade, significa dizer que cada um coloca suas normas e as “várias verdades” da maneira que lhes convém e interessa.



Almeida e Vaz (2010) ao corroborarem com Fensterseifer (2009) expressam que “o conhecimento (e a atividade epistemológica) não revela ou descobre uma realidade já dada, mas constitui aquilo que tomamos como real”; de fato, não levam em consideração que “o conhecimento é o reflexo subjetivo das qualidades objetivas que existem na realidade exterior e que, portanto, o conteúdo de nossos conhecimentos tem um caráter objetivo, isto é, real, exterior à nossa consciência” (BAZARIAN, 1994, p. 134).

Quando a verdade perde seu sentido e seu caráter objetivo e passa a ser relativa, múltipla e, portanto, subjetivista, isto é, cada sujeito tem sua verdade, significa dizer que cada um coloca suas normas e as “várias” verdades da maneira que lhe convém e interessa.

Na realidade, este debate não se reduz a uma simples rejeição dos critérios de verdade, do conhecimento e da razão, da defesa da realidade como dependente da linguagem, mas revela-se como “uma “nova” forma na qual o idealismo se expressa” (PEIXOTO e MORSCHBACHER, 2015, p.08). “O estatuto da objetividade é definida nos termos de consensos que são estabelecidos a partir do processo intersubjetivo de validação dos sentidos e significados acerca de uma realidade que se exprime na e pela linguagem” (idem).

Além disso, trata-se, sobretudo, “de uma discussão ideológica, na qual se concentram e se enfrentam os vários protagonistas em presença na cena intelectual contemporânea, inclusive o neopragmatismo rortiano e sua proposição da verdade como consenso” (MORAES, 2004, p. 349).

Inseridos neste protagonismo, Almeida, Bracht e Vaz (2013) se fundamentam em Rorty e defendem que,

[...] o conceito de ideologia é útil na medida em que serve para nos lembrar que, da mesma maneira que aprendemos com Nietzsche e com Foucault que até mesmo nas melhores intenções estão imbuídas relações de poder, todas as nossas justificações são “ideológicas”, pois representam a aculturação da comunidade de justificação em que acreditamos e, por consequência, defendemos. No extremo, a distinção entre o que é e o que não é ideológico não ultrapassaria a diferença entre tópicos nos quais *uma concordância é fácil de ser conseguida* e outros em que ela é difícil de ser alcançada (p. 10, destaque nosso).

De fato, uma concordância expressa um *consenso* que não é por acaso, segundo autores como Moraes (2004), Sanfelice (2001) e Lombardi (2012), pois coincide com os *modus operandi* das práticas e instituições das democracias liberais. Portanto, uma expressão ideológica de base material capitalista acaba se constituindo numa perspectiva com profunda cumplicidade com a lógica de mercado e, politicamente, com a direita; por isso é que Sanfelice explica que se trata de “um fenômeno” e este “expressa uma cultura de globalização e da sua ideologia neoliberal” (LOMBARDI, 2012, p. 26).

Além disso, a substância ideológica para o significado da rejeição às metanarrativas, segundo Mézaros (2004), tem sido “a desqualificação apriorística da própria ideia da “emancipação do sujeito operante [ou trabalhador], pois esta se encontraria inextricavelmente ligada às implicações terroristas do metadiscurso” (p. 101). Ou seja, “não há lugar para um agente de emancipação historicamente identificável” (idem).

*Em defesa da verdade histórica e da realidade em constante movimento*

Os defensores dos giros epistemológicos e/ou linguísticos ao negarem um conhecimento objetivo da verdade, a apreensão do real, a racionalidade, leva-nos a retomar e reafirmar o caráter ontologicamente realista da concepção marxiana, assim como seu caráter gnosiologicamente objetivista. Pois, aquilo que define o homem, que o constitui como ser humano, caracterizando sua essência, “não é dada pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens [...]” (SAVIANI, 2012, p. 127).

Na perspectiva de colocar em dúvida o conhecimento objetivo do mundo, qual, então, seria a possibilidade do agir humano sobre o mundo? Se, por um lado, os autores Almeida, Bracht e Vaz condicionam a realidade como dependente da linguagem, por outro, contrariamente, compreendemos a realidade, um objeto real, produzido em determinado momento histórico, levando em consideração as suas condições históricas concretas, uma vez que só puderam ser construídas por homens históricos e sociais. Portanto, destacamos:

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida.

[...] mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que produz a vida, mas a vida que produz a consciência (MARX e ENGELS, 1986, p.37-38).

Deste modo, essa visão de realidade objetivo-concreto/materialista - parte do princípio de que os indivíduos reais concretos, por meio de suas práticas e experiências, criam e direcionam, a partir dessas condições, suas representações/pensamentos. Tais representações dizem respeito às ideias e, esta, como um dos produtos da existência humana, sofrem as determinações históricas e, portanto, expressam as relações e atividades reais do homem, estabelecidas no processo de produção de sua existência. De fato, as ideias representam aquilo que o homem faz, a sua maneira de viver, de se relacionar com outros homens, bem como, “sofre interferência das ideias (representações) anteriormente elaboradas; ao mesmo tempo, as novas representações geram transformações na produção de sua existência” (ANDERY et. al., 2007, p.12).

Compreender a realidade envolvida em uma totalidade concreta, enquanto um princípio epistemológico (do conhecimento da realidade) e uma exigência metodológica que busca *entender tal realidade como um todo estruturado*, consiste em compreendê-la como um conjunto de fatos.

Assim, o método que nos tem permitido conhecer a realidade concreta nas suas inter-relações, tem sido a dialética. Para entender a dialética como o processo da construção do concreto do pensamento a partir do concreto real, faz-se necessário compreender que o concreto real é o objeto que se pretende conhecer, enquanto que o concreto do pensamento, é o conhecimento do objeto real; o concreto é concreto porque é a síntese, e a unidade do diverso é o resultado e não ponto de partida. Dessa forma, “o concreto não é um dado empírico, mas é uma totalidade articulada, construída e em construção; o concreto é a síntese de múltiplas determinações mais simples, é o resultado, no pensamento, de



numerosos elementos cada vez mais abstratos que vão ascendendo até construir o concreto” (SANCHEZ GAMBOA, 2007, p.34-35).

Portanto, é uma teoria da realidade como totalidade concreta. Sobre isto, Kosik (1976) explica:

Se a realidade é entendida como concreticidade, como um todo que possui sua própria estrutura (e, portanto, não é caótico), que se desenvolve (e, portanto, não é imutável nem dado uma vez por todas), que se vai criando (e que, portanto, não é um todo perfeito e acabado no seu conjunto e não é mutável apenas em suas partes isoladas, na maneira de ordená-las), de semelhante concepção da realidade decorrem certas conclusões metodológicas que se converte em orientação heurística e princípio epistemológico para estudo, descrição, compreensão, ilustração e avaliação de certas seções tematizadas da realidade, quer se trate da física ou da ciência literária, da biologia ou da política econômica, de problemas teóricos da matemática ou de questões práticas relativas à organização da vida humana e da situação social (idem, p. 36).

Outra categoria elementar para compreensão da realidade não dependente da linguagem, diz respeito à compreensão dinâmica do desenvolvimento histórico em sua complexidade, a qual só tem condições de ser realmente compreendida com base na reciprocidade dialética. Tal ação recíproca, ao ser movida pela incontrolável transformação histórica, coloca em evidência as diferentes forças e fatores que constituem a complexidade social. Nesse sentido, vale destacar que,

Esta concepção da história consiste, pois, em expor o processo real de produção, partindo da produção material da vida imediata; e em conceber a forma de intercâmbio conectada a este modo de produção e por ele engendrada (ou seja, a sociedade civil em suas diferentes fases) como o fundamento de toda a história, apresentando-a em sua ação enquanto Estado e explicando a partir dela o conjunto dos diversos produtos teóricos e formas da consciência – religião, filosofia, moral etc. – assim como em seguir seu processo de nascimento a partir desses produtos; o que permite então, naturalmente, expor a coisa em sua totalidade (e também, por isso mesmo, examinar a ação recíproca entre estes diferentes aspectos). Não se trata, como na concepção idealista da história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer sempre sobre o *solo* da história real; não de explicar a práxis a partir da ideia, mas de explicar as formações ideológicas a partir da práxis material; chegando-se, por conseguinte, ao resultado de que todas as formas e todos os produtos da consciência não podem ser dissolvidos pela força da crítica espiritual, pela dissolução na “autoconsciência” ou pela transformação em “fantasmas”, “espectros”, “visões” etc. – mas só podem ser dissolvidos pela derrocada prática das relações reais de onde emanam esta tapeações idealistas; não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história, assim como da religião, da filosofia e de qualquer outro tipo de teoria. Tal concepção mostra que a história não termina dissolvendo-se na “autoconsciência”, como “espírito do espírito”, mas que em cada uma das suas fases encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente criada com a natureza e entre os indivíduos, que cada geração transmite à geração seguinte; uma massa de forças produtivas, de capitais e de condições de vida e lhe imprime um determinado desenvolvimento, um caráter especial. Mostra que, portanto, as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias (MARX e ENGELS, 1986, p. 55-56).

Esse entendimento da realidade demonstra ser esta que determina a consciência e não o contrário, como destacaram Almeida e Vaz (2010) que apresentaram ser a linguagem que determina a consciência e a realidade e, que compreender, é, pois, um modo de ser. De maneira equivalente, era também o que propunham os idealistas, desencadeando o famoso embate – concepção materialista x idealista - alavancado por Marx e Engels na obra “A ideologia alemã”. Estes autores fizeram a crítica ao idealismo proposto por Hegel, o mundo hegeliano dos pensamentos, que partia dos seguintes

pressupostos: “as ideias, os pensamentos e os conceitos produzem, determinam, dominam a vida real dos homens, seu mundo material, suas relações reais” (MARX e ENGELS, 1986, p. 19).

Assim, para garantir o debate e o enfrentamento das concepções que o giro linguístico e a agenda pós-moderna têm trazido e buscado efetivar no campo educacional e na educação física, têm sido imprescindível retomar categorias fundamentais da dimensão ontológica de viés marxista.

Nesse sentido Lukács (2012; 2013), ao destacar o caráter ontológico do pensamento de Marx, evidencia a ideia do homem como membro ativo da sociedade e como o responsável por inúmeras transformações no mundo natural que resultam no universo das coisas humanamente dadas. Por isso, a importância central da categoria trabalho, uma vez que, sem trabalho as inúmeras e variadas formas de atividade humano-social poderiam existir.

A constituição social dos seres humanos só pode se dar pelo trabalho.

O ser social - em seu conjunto e em cada um dos seus processos singulares - pressupõe o ser da natureza inorgânica e orgânica. Não se pode considerar o ser social como independente do ser da natureza, como antíteses que se excluem, o que é feito por grande parte da filosofia burguesa quando se refere aos chamados ‘domínios do espírito’. Mas, de modo igualmente nítido, a ontologia marxiana do ser social exclui a transposição simplista, materialista vulgar, das leis naturais para a sociedade, como era moda, por exemplo, na época do ‘darwinismo social’. As formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, porém, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico do trabalho, não podendo ter nenhuma analogia na natureza. O fato de que esse processo, na realidade, seja bastante longo, com inúmeras formas intermediárias, não anula a existência do salto ontológico (LUKÁCS, 1979, p. 17).

De fato, é o trabalho que inicia o processo da relação social entre os homens. Daí, o trabalho no que se refere ao homem e à linguagem é precursor, ou seja, no sentido de que estabelece as condições iniciais ao modo de ser dos seres humanos e de suas manifestações culturais e linguísticas (VON DENTZ, 2015). O trabalho pela sua capacidade de interagir a sociedade e a natureza, torna-se o fenômeno originário do ser social, que o faz emergir da natureza (do ser orgânico e inorgânico) e assumir no decurso da história formas sociais cada vez mais ampliadas.

Assim, na esfera do ser, o trabalho significa verdadeiramente um processo dialético que tem como resultado o recuo das barreiras naturais, de que fala Marx (idem).

Dessa maneira, quando os defensores dos epistemológicos e/ou linguísticos condicionam a realidade como dependente da linguagem e/ou pressupõe a centralidade linguística nas práticas sociais, desconsideram suas bases ontológicas reais, o que implica desprezar totalmente o complexo de problemas que estão relacionados às questões mais elementares da condição humana. Para Lukács, tais questões são fundamentais e não devem ser desprezadas. No entanto, Lukács considera também que a esfera linguística é um elemento inseparável na condição social, pois segundo ele,

palavra e conceito, linguagem e pensamento conceitual são elementos vinculados do complexo chamado ser social, o que significa que só podem ser compreendidos na sua verdadeira essência relacionados com a análise ontológica dele por meio do conhecimento das funções reais que eles exercem dentro desse complexo. É claro que em cada sistema de inter-relações dentro de um complexo de ser, como também em cada interação, há um momento predominante. Esse caráter surge em uma relação

puramente ontológica, independente de qualquer hierarquia de valor. Em tais inter-relações os momentos singulares podem condicionar-se mutuamente, como no caso citado da palavra e do conceito, em que nenhum dos dois pode estar presente sem o outro ou então se pode ter um condicionamento no qual um momento é o pressuposto para a existência do outro, sem que a relação possa ser invertida. Esta última é a relação que existe entre o trabalho e os outros momentos do complexo constituído pelo ser social. É sem dúvida possível deduzir geneticamente a linguagem e o pensamento conceitual a partir do trabalho, uma vez que a execução do processo de trabalho põe ao sujeito que trabalha exigências que só podem ser satisfeitas reestruturando ao mesmo tempo quanto à linguagem e ao pensamento conceitual as faculdades e possibilidades psicofísicas presente até aquele momento, ao passo que a linguagem e o pensamento conceitual não podem ser entendidos nem em nível ontológico nem em si mesmos se não se pressupõe a existência de exigências nascidas do trabalho e nem muito menos como condições que fazem surgir o processo de trabalho. É obviamente indispensável que, tendo a linguagem e o pensamento conceitual surgido para as necessidades do trabalho, seu desenvolvimento se apresenta como uma ininterrupta e ineliminável ação recíproca, e o fato de que o trabalho continue a ser o momento predominante não só não suprime a permanência dessas interações, mas, ao contrário, as reforça e as intensifica. Disso se segue necessariamente que no interior desse complexo o trabalho influi continuamente sobre a linguagem e o pensamento conceitual e vice-versa (LUKÁCS, 2013, p. 85).

Diante disso, fica difícil eleger a linguagem como categoria ontológica fundamental. Conforme observa Lukács (2012), qualquer fenômeno isolado poderia ser tomado como ponto de partida, “uma vez transformado em 'elemento' por meio da abstração”, porém, é uma escolha que não conceberia compreender a totalidade concreta. Este autor destaca ainda que “o caminho que Marx pretende percorrer, do abstrato até a totalidade concreta e finalmente tornada completamente visível, não pode partir de uma abstração qualquer”(LUKÁCS, 2012, p. 312).

Como podemos observar, a linguagem só tem potencial objetivo para ser exercido como posição teleológica secundária, ou seja, de maneira interativa, com o processo já em andamento (VON DENTZ, 2015). Segundo Von Dentz (20015) da mesma forma pode-se dizer em relação ao pensamento, um não pode ultrapassar o outro, pois a relação pode sempre ser imediatamente invertida, ou seja, o pensamento põe a linguagem e, vice-versa, a linguagem o pensamento.

No entanto, apesar da clareza dessas questões, elas não trazem diferença alguma para aqueles que adotam o ponto de vista do Capital, seja pelo viés de interesses ideológicos na empreitada explícita de “refutar” Marx e o marxismo a qualquer custo, seja por meio do envolvimento mais ativo e adaptativo aos interesses do Capital.

Além disso, “o desejo de reconstruir a tarefa da crítica”, sugerida por Almeida, Bracht e Vaz (2013, p. 11), “corresponderia ao exercício de comparar um discurso com outro [...]”, “recorrer à persuasão ou à força do melhor argumento na esperança de que os interlocutores saiam convencidos, ao final de uma conversa [...]”. Seria esta a forma de “reconstruir a tarefa da crítica na área”? Medir quem tem mais força teórica de convencimento? Qual será a possibilidade de intervenção na realidade?

De fato, parece-nos que a perspectiva dos defensores dos giros epistemológicos e/ou linguísticos não consegue avançar para além das práticas descritivas, da verdade entendida a partir de consensos intersubjetivos e da implementação de postura conservadora.

### *Considerações finais*

A partir da análise crítica dos giros epistemológicos, o que fica evidenciado é que a Objetividade intersubjetiva, além de apresentar problemas de natureza filosófica (idealismo - negação da materialidade), com sérias implicações para ação programática e transformadora dos problemas sociais - evidencia uma postura conservadora, pois no seu horizonte não está a superação do capitalismo. Assim, embora possa ter aproximações com campos da esquerda, suas ideias são conservadoras, pois suas elaborações teóricas, ao favorecerem as questões culturais de base subjetivista, imediatista e local, em detrimento das questões ontológicas, e principalmente da possibilidade de apreensão da realidade, inviabilizam a ação humana consciente nesta, ou na melhor das hipóteses, não permitem observar que nos jogos de linguagem, a busca pelo consenso intersubjetivo não se dá de forma igualitária, pois neste “jogo” alguns jogadores chegam mais bem “preparados” para jogá-lo, haja vista, as disputas na área específica da Educação Física no âmbito da CAPES, e o papel de manipulação da “opinião pública” que os grandes grupos midiáticos exercem em países da periferia do Capital, como o Brasil.

Como observa Bischoff Belli (2013, p. 6),

Um pensamento heterogêneo, plural, pode ser tão dogmático quanto um pensamento considerado homogêneo, unitário. E o é, neste caso em específico, porque não é capaz de reconhecer que boa parte, senão todos, os seus pressupostos estão fundamentados numa forma de saber acrítica, incapaz, portanto, de reconhecer os fundamentos das relações sociais, incluindo aqueles que lhe deram substância. Os pensadores pós-modernos que se colocam no campo da transformação social, mais do que estimuladores de uma forma de saber que não é capaz de reconhecer os próprios fundamentos históricos, são vítimas dessa mesma lógica. Eis a condição interessante vivida por todos eles: por mais bem-intencionados que sejam, isso não lhes garante a elaboração de uma solução eficaz ao problema. Como já afirmado certa vez, são os homens que fazem a história, mas não da maneira como bem-entendem.

E, se hoje, em pleno século XXI, considerando o quadro de crises vivenciadas, que se arrastam desde 2008 (com a crise predatória do capitalismo, recessão econômica, intensificação da ofensiva contra os direitos sociais), os movimentos de 2011 (Espanha, Portugal, mundo árabe, Grécia), em 2015 o “ajuste fiscal”, os cortes no orçamento das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), redução do investimento do setor público e mais investimento no setor privado dentre outros e, mais recentemente (2016), o andamento do impeachment da Dilma, evidenciam a intensa inserção da lógica do capital na sociedade e, mais especificamente, no âmbito universitário. Dessa forma, não dá pra negar que a maior fonte de desigualdades, em todos os âmbitos, ainda é o capitalismo em suas várias vertentes, o qual ainda não foi superado.

Portanto, nada mais contemporâneo que a leitura dos clássicos e as inevitáveis análises marxistas da realidade e a retomada das categorias de dimensão ontológica, principalmente quando se trata da centralidade da categoria trabalho, da apreensão da realidade na sua historicidade, concretude e totalidade, bem como do entendimento *contextualizado da educação e da educação física*. De fato, não podemos fugir do debate e muito menos nos adaptar à lógica predatória do Capital, - “de um mundo dominado pelos ideais de individualismo, de perpétua continuidade do cotidiano e de carência de projetos coletivos para o

futuro” (CARNEIRO, 2012, p.13) – mas, contrariamente, devemos pensar estratégias para a sua superação e, pedagogicamente, como educadores,

[...] precisamos lutar para que todos os homens tenham acesso a uma educação que os prepare para além do capital; que possibilite a todos o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade; e, enfim, que todos os homens possam usufruir de uma **educação crítica**, voltada ao atendimento de toda a sociedade e centrada nos conteúdos historicamente produzidos pela humanidade, no interior de uma perspectiva política de transformação social (LOMBARDI, 2008, p. xxvii).

### Referências

- ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V.; VAZ, A. F. Classificações epistemológicas na Educação Física: redescrições...**Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 04, p.241-263, out/dez., 2012.
- ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V.; VAZ, A. F. Educação Física e pedagogia crítica: interpretações, redescrições. IN: **Anais do XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONBRACE) E V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CONICE)**, Brasília, DF, ago. 2013. p. 1-15.
- ALMEIDA, F. Q.; VAZ, A. F. Do giro lingüístico ao giro ontológico na atividade epistemológica em Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p.11-29, julho/setembro, 2010.
- ANDERY, M. A. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Gramond, 2007
- BAZARIAN, J. **O problema da verdade**. Teoria do conhecimento. 4ª ed., São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1994.
- BISCHOFF BELLI, R. Crise estrutural do capital e o irracionalismo pós-moderno. IN: **Anais das Jornadas Internacionais "Actualidad de la Teoría Crítica" e VI Coloquio Internacional "Teoría Crítica y Marxismo Occidental"**, Facultad de Psicología, Rosario (UNR), out. 2013. p. 1-9.
- CARNEIRO, H. S. Apresentação - Rebeliões e ocupações de 2011. In: **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. Trad. João Alexandre Peschanski ... et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, p. 07-14.
- DELLA FONTE, S. S. Agenda pós-moderna e neopositivismo: antípodas solidários. **Educ. Soc.**, Campinas, v.31, n.110, p.35-56, jan.-mar. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.
- KOPNIN, P.V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Trad. por Célia Neves e Alderico Toríbio. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LOMBARDI, J. C. **Embates marxistas: apontamentos sobre a pós-modernidade e a crise terminal o capitalismo**. Campinas, SP: Librum, Navegando, 2012. 110p.
- LOMBARDI, J.C. Apresentação. IN: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D. **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2008. p. xxviii.
- LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem** [tradução de Carlos Nelson Coutinho]. Em: *Temas de Ciências Humanas*, nº 4. – São Paulo: Ciências Humanas, 1978, p. 1-18.
- LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Trad. Carlos Coutinho. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.
- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Volume 1. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. Volume 2. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 5 ed. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

MÉSÁROS, I. **O poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 566p.

\_\_\_\_\_. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação social do método. São Paulo: Boitempo, 2009. 309p.

MORAES, M.C.M. O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v.34, n. 122, p.337-357, maio/ago 2004.

PEIXOTO, E. M. de M.; MORSCHBACHER, M. O debate epistemológico na área da Educação Física: crítica aos “giros epistemológicos” a partir da ontologia e da gnosiologia. **Anais do V Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação**. Salvador, BA, dez. 2015. p. 1-14.

SANFELICE, J. L. Pós-modernidade, globalização e educação. IN: LOMBARDI, J. C.(org.) **Globalização, pós-modernidade e educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UnC, 2001.

SAVIANI, D. Debate sobre educação, formação humana e ontologia a partir da questão do método dialético. IN: SAVIANI, D., DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p.121-147.

VON DENTZ, V. **As tendências pós-críticas na pesquisa em educação**: análise filosófica e crítica ontológica. 2015. 378f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.

#### Notas:

<sup>1</sup> Departamento Educação Física. Fundamentos da Educação / Epistemologia / Produção do conhecimento. Programa de Pós-Graduação em Educação /UFG/REJ. E-mail: michelesacardosilva@gmail.com

<sup>2</sup> Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: regishsilva@bol.com.br

<sup>3</sup> Particularmente, preferimos denominar o movimento de resgate da ontologia realista no debate epistemológico que vinha se desenvolvendo na área de Educação Física de **crítica ontológica**, mas em todo caso mantemos em algumas partes deste artigo o termo giro ontológico, face ao seu reconhecimento na área e/ou sua utilização por parte dos principais autores do giro epistemológico e/ou linguístico.

<sup>4</sup> O contato com o viés pedagógico, bem como com a literatura crítica advinda das ciências humanas e sociais, principalmente da Educação, resultou no famoso embate acadêmico e político travado no interior da área, pela disputa entre as áreas biológicas (grupo hegemônico) e sociocultural ou humanas (grupo contra-hegemônico) que, até hoje, acirra-se entre esses dois grupos. Isso gerou um dos motivos da crise de identidade na área, o desejo de tornar-se ciência e a constatação de sua dependência de outras disciplinas científicas. A área é colonizada epistemologicamente por outras disciplinas (BRACHT, 1999; SANCHEZ GAMBOA, 2010). Mais recentemente, Ávila (2008) argumenta que a discussão sobre a polarização entre as áreas deve ser abandonada e direcionar profundamente nossas reflexões sobre qual concepção de ciência tem se fundado nossas pesquisas, indicando, apesar dos objetos distintos, uma unidade epistemológica e ontológica na área. A autora explica: “Sob esse enfoque podemos ter um panorama que ultrapassa a escolha de objetos científicos e seus devidos campos empíricos, passamos a ver uma certa unidade entre a pedagogia, sociologia, fisiologia, biomecânica quando estas são concebidas a partir de uma mesma concepção ontológica de realidade e conhecimento científico. Dessa forma, podemos ter uma pedagogia que se subsidia numa compreensão neopositivista (poderíamos tomar como exemplo qualquer outra corrente do pensamento), que igualmente como a fisiologia ou a biomecânica, responda, da mesma forma, ao que é o mundo e o que é ciência – o que tem implicações sobre o que é o ser humano e o movimento humano (ÁVILA, 2008, p. 65). Dessa maneira, independente do objeto de estudo da área, o ponto de partida e de chegada da produção do conhecimento deve-se amparar em uma mesma concepção ontológica de realidade, dos fenômenos da Educação Física

Recebido em: 24/02/2016

Aceito em: 18/05/2016.